***AINDA ESTOU AQUI*, DE MARCELO RUBENS PAIVA, E A PERSISTÊNCIA DA MEMÓRIA PÓS-DITATORIAL**

Rosicley Andrade Coimbra [[1]](#footnote-1)

**RESUMO**

Este trabalho pretende analisar a persistência da memória pós-ditatorial no livro *Ainda estou aqui*, de Marcelo Rubens Paiva (2015). Partiremos do pressuposto de que a memória traumática é uma memória que não se apaga, mas se transforma em algo insistente e repetitivo, para investigar como ela resiste às políticas do esquecimento e se apresenta como uma “história a contrapelo” (Benjamin, 1996) do Brasil pós-64. A hipótese que levantamos é de que a estratégia adotada por Marcelo Rubens Paiva consiste na subversão da lógica do gênero romance. Ou seja: *Ainda estou aqui* é indeterminado enquanto romance, pois sua aproximação com a biografia confunde as fronteiras entre história e ficção, sobretudo ao trazer personagens que preexistem ao livro e empregar uma voz narrativa que é a do próprio autor do livro. Nesse sentido, pode-se, ainda, tomar a memória como um dos temas e personagem principal do livro. Intenta-se, portanto, perceber como essa memória traumática persiste e como Marcelo Rubens Paiva se ampara em recursos ficcionais para recontar a história de sua família, atingida pela Ditadura Militar (1964-1985), cujas consequência foram o desaparecimento de seu pai, Rubens Paiva, e a luta de sua mãe, Eunice Paiva, para saber a verdade e fazer justiça à memória do marido. Entretanto, para realizar tudo isso, foi preciso operar alguns deslocamentos, a começar pela voz narrativa e pela memória que precisou ser revisitada e configurada conforme estratégias narrativas. A ficção entra em cena como uma forma de melhor refletir sobre o real e não como falseamento da realidade. Assim, o deslocamento fica por conta da perspectiva adotada pelo autor que ficciona o real, como diria Jacques Rancière (2009), para melhor colocá-lo em questão. O livro *Ainda estou aqui* escava o passado traumático de uma família e traz à tona os fantasmas da ditadura que ainda nos assombram, destacando a imagem dos torturados e desaparecidos durante o os anos de chumbo. Conforme a perspectiva adotada, o leitor é interpelado por esse passado e é obrigado a se posicionar para não deixar que essa história seja esquecida. Trata-se de uma questão de “responsabilidade moral” (Ricoeur, 2007) e aceitá-la é lutar para que a história não se repita. Ao final, todos são colocados como herdeiros de uma história traumática. Isso significa que o livro de Paiva convoca uma dimensão ética ao nos tornar também responsáveis por essa memória e nos responsabilizar pelo “dever de memória” (Ricoeur, 2007) para com as vítimas da violência de Estado.

**Palavras chave:** Ditadura Militar. Memória. Esquecimento. Dever de memória. *Ainda estou aqui*.

1. Graduação em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Mestrado em Letras pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e Doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Atualmente desenvolve estágio pós-doutoral na Universidade Federal de Goiás (PIPD/Capes), sob a supervisão do Prof. Dr. Flávio Pereira Camargo. [↑](#footnote-ref-1)